

APELO. Programa quer humanizar estatísticas de violência e transformar números em histórias de vida

RELATOS DE DOR CONTRA O CRIME

Pessoas que perderam entes queridos poderão descrever o sofrimento com o objetivo de sensibilizar a população

FÁTIMA ALMEIDA
REPÓRTER

Que a criminalidade tem crescido em Alagoas, todo mundo sabe. Se não bastassem as notícias diárias de vidas ceifadas pela violência, as estatísticas têm confirmado, numa frequência constrangedora, que os números de homicídios têm se mostrado alarmantes, ano a ano, mantendo Alagoas no topo do ranking de Estados mais violentos do Brasil e já se projetando também no ranking mundial.

O que poucos conhecem são as histórias de vida das vítimas fatais dessa violência, e do sofrimento causado por cada homicídio à família dessas vítimas – seja homem ou mulher, jovem ou idoso, criança ou adulto, hetero ou

homossexual. São histórias interrompidas em plena construção, sonhos manchados de sangue, projetos ceifados com as vidas que se foram.

Resgatar essas histórias e torná-las visíveis é o foco do próximo ato – o 11º – que está sendo construído pelo Programa Ufal em Defesa da Vida. Com o tema “As vítimas de violência em Alagoas: a dor que os números não revelam”, a ideia, segundo a professora e socióloga Ruth Vasconcelos, coordenadora do programa, é humanizar estatísticas, transformando números em histórias de vida, contadas por quem sofreu a perda violenta de um ente querido – familiares ou amigos – e, por meio delas, sensibilizar a sociedade para o problema.

Por meio do endereço eletrônico ufalemdefesa-da-vida.blogspot.com qualquer um pode contar essas histórias, revelar como era a vida dessas pessoas, o que gostavam de fazer, como se conduziam no convívio familiar e social, como morreram e se alguém pagou ou está pagando pelo crime na Justiça.

SEM BANALIZAÇÃO

“Nosso objetivo não é fazer investigação criminal. Isso quem faz é a polícia. O que queremos é estabelecer uma sintonia com a vida, revelando a dor que os números não conseguem mostrar e, ao mesmo tempo, contribuir para mostrar como um pouco mais de tolerância, de sensibilidade, de diálogo fariam diferença nessas estatísticas”, revela Ruth Vasconcelos.

A ideia, segundo ela, é que os mortos em homicídio deixem de ser apenas números nas estatísticas frias e alarmantes da vio-



Coordenadora do projeto, Ruth Vasconcelos diz que propósito é “estabelecer uma sintonia com a vida”

lência e sejam retratados como histórias de vida, para frear o processo de banalização da morte. O movimento acredita que, conhecendo um pouco da história de cada uma dessas pessoas, a sociedade terá um olhar mais huma-

nitário sobre os casos de morte violenta e despertará a sensibilidade para a valorização da vida.

No ato que está sendo preparado para os dias 13, 14 e 15 de junho – respectivamente nos campi de Maceió, Arapiraca e Del-

miro Gouveia – cada uma dessas pessoas cuja história foi contada por meio do blog terá a vida simbolizada pelo plantio de uma árvore nesses espaços da Universidade Federal de Alagoas. **Leia mais nas páginas D8 e D9**